

Crer nos Fatos e nas Interpretações: A Violência Metafísica em Gianni Vattimo e o Mecanismo Vitimário de René Girard no Contexto do Cristianismo

*Believing in Facts and Interpretations:
Metaphysical Violence in Gianni Vattimo and René Girard's
Victim Mechanism in the Context of Christianity*

Lucas Pereira da Silva Freitas

Resumo

Este artigo propõe uma análise da relação entre o objetivismo metafísico e a salvação pela *kénosis*, explorando a violência metafísica, ou pensamento forte, nas obras de Gianni Vattimo e René Girard, sob a ótica da pós-modernidade. A pesquisa foca nas obras “Cristianismo e Relativismo”, “Não Ser Deus”, “O fim da Modernidade”, “Adeus à verdade”, “A Violência e o Sagrado” e “O Bode Expiatório”, investigando como esses autores abordam o Cristianismo na modernidade, a concepção de *kénosis* e o fim da metafísica. Utilizando a metodologia hermenêutica filosófica, a análise crítica das obras desses autores, junto a estudos em Ciências da Religião, busca identificar convergências e divergências entre a violência metafísica e a *kénosis* como caminho para a salvação. O estudo também explora como a *kénosis* e a secularização afetam a espiritualidade religiosa na contemporaneidade, e como a hermenêutica forte e o mecanismo vitimário, em sua relação com a moral cristã de abnegação, se configuram na visão pós-metafísica de Vattimo. O artigo ainda discute a interdisciplinaridade entre Filosofia, Antropologia e Ciências da Religião, analisando as representações do religioso na pós-modernidade e a tensão entre o sagrado e o profano.

Palavras-Chave: *Kénosis*. Violência metafísica. Hermenêutica. Secularização.

Abstract

This article proposes an analysis of the relationship between metaphysical objectivism and salvation through *Kenosis*, exploring metaphysical violence, or strong thought, in the works of Gianni Vattimo and René Girard, from the perspective of postmodernity. The research focuses on the works *Christianity and Relativism*, *Not Being God*, *The End of Modernity*, *Goodbye to Truth*, *Violence and the Sacred*, and *The Scapegoat*, investigating how these authors approach Christianity in modernity, the concept of *Kenosis*, and the end of metaphysics. Using the methodology of philosophical

hermeneutics, the critical analysis of these authors' works, along with studies in Religious Studies, aims to identify convergences and divergences between metaphysical violence and Kenosis as a path to salvation. The study also explores how Kenosis and secularization affect religious spirituality in contemporary times, and how strong hermeneutics and the victim mechanism, in relation to the Christian moral of self-denial, are configured in Vattimo's post-metaphysical vision. The article further discusses the interdisciplinarity between Philosophy, Anthropology, and Religious Studies, analyzing the representations of the religious in postmodernity and the tension between the sacred and the profane.

Keywords: Kenosis, Metaphysical violence, Hermeneutics, Secularization.

Introdução

No cenário moderno, a interseção entre Filosofia, Antropologia e ciências da religião revela profundas reflexões sobre a natureza da crença e da violência. O título “Crer nos Fatos e nas Interpretações: Violência Metafísica em Gianni Vattimo e o Mecanismo Vitimário de René Girard no Contexto do Cristianismo” expressa um esforço acadêmico para compreender como dois pensadores contemporâneos abordam questões centrais da modernidade e da pós-modernidade. Gianni Vattimo¹, com sua crítica à metafísica² e sua defesa do “pensamento fraco”, e René Girard³, com sua teoria mimética e sacrificial, oferecem perspectivas distintas, mas complementares sobre a violência e a religião.

¹ Gianni Vattimo (1936-2023) é um filósofo italiano, conhecido por sua contribuição ao pensamento pós-moderno e por ser um dos principais defensores do “pensamento fraco” (*pensiero debole*). Ele foi professor emérito de filosofia teórica na Universidade de Turim se destacando no campo da hermenêutica.

² A metafísica para Vattimo segue o itinerário da obra filosófica de Heidegger, designando o conjunto da tradição filosófica ocidental que buscou fundar o real, a verdade e o sentido a partir de estruturas estáveis, necessárias e universais, concebidas como independentes da historicidade e da interpretação. Trata-se de um pensamento orientado pela ideia de fundamento último (*Grund*), de presença plena do *ser* e de uma verdade objetiva forte, capaz de se impor como norma universal. Nesse sentido, a metafísica coincide com aquilo que Vattimo, seguindo Heidegger e Nietzsche, identifica como ontologia da presença. A história da metafísica é a história da filosofia que se apoiou na teologia, logo, está vinculada à ontoteologia: a tentativa de pensar o *ser* a partir de um ente supremo — Deus — concebido como fundamento absoluto, causa primeira ou princípio ordenador do real. A teologia, nesse quadro, não aparece apenas como um discurso religioso, mas como o suporte último da estrutura metafísica, garantindo estabilidade, necessidade e autoridade à verdade filosófica. A crítica vattimiana à metafísica, portanto, não se limita à rejeição de Deus enquanto objeto de crença, mas visa a desativação do uso metafísico de Deus como fundamento violento da verdade. Tal violência manifesta-se na imposição de um sentido único, na exclusão da alteridade e na legitimação de estruturas dogmáticas — filosóficas, políticas ou religiosas. É por isso que Vattimo associa a metafísica ao pensamento forte, caracterizado por pretensões totalizantes e normativas.

³ René Girard (1923-2015) foi um renomado antropólogo, historiador, e filósofo francês, conhecido principalmente por sua teoria mimética da cultura e da religião. Seu trabalho teve um impacto significativo em várias disciplinas, incluindo literatura, antropologia, sociologia, teologia, e estudos religiosos.

Este artigo tem como objetivo explorar a relação entre o objetivismo metafísico⁴ e a salvação pela *kénosis*⁵, destacando a violência metafísica — ou pensamento forte — presente nas obras de Vattimo e articulando-a com a teoria mimética de Girard e também destaca a interdisciplinaridade entre Filosofia, Antropologia e Religião, visando compreender as formas de representação do fenômeno religioso na pós-modernidade em relação ao sagrado e ao profano. Nesse horizonte, emerge a problemática central que orienta esta investigação: como a concepção vattimiana de *kénosis* como enfraquecimento da metafísica dialoga — ou entra em conflito — com a compreensão girardiana da verdade revelada como desvelamento do mecanismo vitimário?

Ao longo do texto, sustenta-se que há, em Girard, a possibilidade de pensar Vattimo também em chave teológica, não no sentido clássico da teologia, mas como intérprete do cristianismo enquanto uma “religião não-religião”.

Pierpaolo Antonello⁶, em “Cristianismo e Relativismo, verdade ou fé frágil” (2010), explora o diálogo entre os dois autores. Ele destaca as “guerras de religião” no contexto contemporâneo, onde há uma necessidade crescente de articulação religiosa que favoreça a realização das religiões. Os temas religiosos presentes no ambiente pós-moderno são discutidos por esses autores, que apontam para um novo caminho hermenêutico, especialmente para o cristianismo. Ambos, com experiência imersa na instituição religiosa católica, propõem uma nova perspectiva para a religiosidade cristã, que, na era pós-moderna, recebe novas interpretações, ressignificando o caráter revelatório de Deus na história. Assim, ao examinarem o período pós-moderno, eles apresentam a religião cristã em sua centralidade. O sacrifício amoroso de Cristo revela o caráter violento do sacrifício na cultura humana. Isso nos leva a perguntar: a religião cristã poderia ser apenas uma religião da caridade, livre de qualquer consideração mítica sobre Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e inaugurando o “Reino de Deus”? Para abordar essa questão e o debate entre os autores, será apresentado o pensamento de Gianni Vattimo, com sua tese do “cristianismo não religioso”, explorando sua filosofia da vida, a superação da metafísica e a categoria *pensiero debole*, essencial para sua tese. Em seguida, será analisada a teoria do sacrifício desenvolvida por René Girard, que debate com a tese de Vattimo.

⁴ Seguindo a hermenêutica filosófica, o objetivismo metafísico é a pretensão de que a verdade seja objetiva, estável e universal, fundada em princípios últimos independentes da história e da interpretação. Essa concepção herda da metafísica a crença na correspondência plena entre pensamento e realidade. Vattimo critica tal postura por seu caráter violento, pois absolutiza determinadas interpretações e silencia a alteridade. O objetivismo, assim, sustenta o pensamento forte e legítima formas de dogmatismo filosófico, político e religioso. Em oposição, Vattimo propõe uma hermenêutica da *kénosis*, na qual a verdade se dá como evento interpretativo. Trata-se, portanto, de uma superação do objetivismo em favor de uma verdade pós-metafísica orientada pela caridade.

⁵ Como define Giovanni Giorgio (GIORGIO, G.; VATTIMO, G.; DOTOLO, C., *Dios*, p. 18, tradução nossa): “Termo grego usado, na forma verbal, no célebre hino da Carta aos Filipenses de São Paulo 2,5-11. Significa rebaixamento, esvaziamento, aniquilação de Cristo na encarnação.”

⁶ Pierpaolo Antonello é um acadêmico italiano nascido em 1970, conhecido principalmente por seu trabalho como professor e pesquisador nas áreas de literatura comparada, teoria literária, estudos culturais e história intelectual. Ele é reconhecido por suas contribuições para o entendimento da literatura e da cultura italiana, bem como por seu engajamento em debates interdisciplinares sobre temas que vão desde a modernidade até a teoria crítica.

A partir da obra *Cristianismo e Relativismo*, este estudo investigará como Vattimo e Girard interpretam o cristianismo na modernidade tardia, a *kénosis* e o fim da metafísica. Utilizando o método hermenêutico-filosófico, será realizada uma análise crítica das obras dos dois autores, bem como de comentadores relevantes no campo das Ciências da Religião, com especial atenção à linguagem interpretativa. Busca-se identificar convergências e divergências em torno da violência metafísica e da *kénosis* como caminho para a salvação e a redenção, examinando ainda como secularização, espiritualidade contemporânea e fundamentalismo religioso se articulam como expressões antagônicas de abertura ou fechamento à alteridade. Por fim, a moral cristã do esvaziamento de si (*abnegação*) será analisada como chave interpretativa decisiva para pensar a fé cristã no contexto pós-metafísico.

1. Vattimo e Girard em perspectiva

Vattimo é conhecido por sua leitura peculiar de Martin Heidegger⁷ e Friedrich Nietzsche⁸ enquanto autores de destaque para interpretar o Cristianismo, caracterizada por um viés de esquerda. A interpretação de Vattimo de Heidegger se desdobra em um contexto pós-moderno e político, no qual ele busca reconciliar a filosofia heideggeriana com uma perspectiva crítica e progressista.

Vattimo começa sua leitura de Heidegger ao focar na crítica da metafísica e na “virada” (*Kehre*) heideggeriana, que coloca a ênfase na historicidade e no “ser” como evento. Ele interpreta essa virada como uma abertura para a pluralidade e a multiplicidade, desafiando as estruturas fixas e totalizantes da metafísica tradicional. Para Vattimo, essa ênfase na historicidade e no caráter contingente do *ser* oferece uma base filosófica para a crítica das formas autoritárias de poder e para a promoção de uma sociedade mais democrática e aberta. Ao alinhar Heidegger com a “esquerda”, Vattimo também se distancia da interpretação mais tradicional e conservadora do filósofo alemão, que muitas vezes é associada a um retorno às origens ou a um nacionalismo cultural. Em vez disso, Vattimo enfatiza a ideia de que a desconstrução heideggeriana da metafísica pode ser vista como uma ferramenta para a emancipação e a crítica social. Ele vê a destruição das estruturas metafísicas como um processo que pode ser aplicado à desconstrução de ideologias opressivas e sistemas de poder autoritários.

Pergunto-me por que faço uma leitura “de esquerda” de Heidegger, isto é, a do alívio, em contraste com uma leitura de “direita” que, no entanto, também existe. (E aqui a referência é puramente filosófica, à direita e à esquerda hegelianas, embora a direita hegeliana seja justamente a que lia Heidegger como restauração da religiosidade tradicional, enquanto Marx e Feuerbach jogavam tudo para cima.) Só porque me parece

⁷ Nascido em 26 de setembro de 1889 em Messkirch, Alemanha, e falecido em 26 de maio de 1976, Heidegger é mais conhecido por seu trabalho em fenomenologia e existencialismo, e sua obra-prima, “Ser e Tempo” (“*Sein und Zeit*”), publicada em 1927.

⁸ Friedrich Nietzsche foi um filósofo, filólogo, poeta e crítico cultural alemão, amplamente reconhecido como uma das figuras mais influentes e provocadoras da filosofia ocidental moderna. Nascido em 15 de outubro de 1844 em Röcken, na Prússia (atualmente parte da Alemanha), e falecido em 25 de agosto de 1900 em Weimar, Nietzsche é conhecido por sua crítica incisiva da religião, moral, cultura contemporânea e filosofia ocidental.

mais próxima da esquerda política? É porque... sou cristão. Porque penso o bem mais em termos de subtração do que de afirmação. Deus se encarna. É, se encarna... Mas é um carpinteiro, e depois crucificado, ou seja, não é propriamente o Messias vitorioso.⁹

Girard exerceu uma considerável influência sobre Vattimo, especialmente em sua abordagem do cristianismo e da filosofia da religião. A leitura de Girard forneceu a Vattimo *insights* cruciais que, quando combinados com sua interpretação “de esquerda” de Heidegger, bem como resultaram em uma visão única e radicalmente crítica do cristianismo e da sociedade contemporânea, bem como os seminários de Heidegger sobre Nietzsche, do qual o niilismo exerceu forte sentido para o discernimento do Cristianismo para Vattimo, sob o processo de análise da secularização.

E aí chega René Girard. Mais uma vez por acaso, porque Marco Vallora, ex-aluno meu, pede-me para resenhar o livro de Girard, *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Folheio um pouco o livro e logo percebo que me agrada muito. (Também fico amigo de Girard nos últimos anos.) Leio Girard e me sinto como que iluminado. Devo-lhe muito e sou-lhe muito dedicado, mesmo que às vezes polemizando. Foi ele quem me recristianizou, ainda que à minha maneira, foi com ele que comecei a pensar que poderiam existir estreitas ligações entre enfraquecimento, secularização e cristianismo.¹⁰

Girard desempenhou um papel crucial na recristianização do pensamento de Vattimo, reintroduzindo o filósofo italiano às profundezas do cristianismo através de uma interpretação inovadora que destacou as implicações sociais e culturais da fé cristã. A influência de Girard levou Vattimo a refletir sobre as estreitas ligações entre enfraquecimento, secularização e cristianismo, moldando sua filosofia do “pensiero debole” (pensamento fraco)¹¹ em um contexto de crítica pós-moderna. Antes de seu encontro com Girard, Vattimo era conhecido principalmente por suas interpretações da hermenêutica e de Heidegger, focando na secularização e no declínio da influência religiosa na modernidade. No entanto, a teoria mimética de Girard, que revela os mecanismos de desejo e sacrifício na cultura humana e a subsequente revelação cristã que expõe esses mecanismos, provocou uma reavaliação profunda no pensamento de Vattimo. Girard¹² argumenta que o cristianismo desmascara o ciclo de violência e sacrifício ao apresentar Jesus Cristo como o bode expiatório inocente, cuja morte revela a injustiça do sistema sacrificial. Esta revelação, para Girard, não só subverte a lógica sacrificial, mas também introduz uma ética de amor e perdão que desafia as estruturas opressivas da sociedade. Por isso, Girard incentivou Vattimo a reconsiderar o papel do cristianismo na modernidade. Em vez de vê-lo como uma relíquia do passado, Vattimo,

⁹ VATTIMO, G., Não ser Deus, p. 162.

¹⁰ VATTIMO, G., Não ser Deus, p. 162-163.

¹¹ “Um caminho que não tente ‘reencontrar o Ser original, verdadeiro, que a metafísica esqueceu em seus efeitos cientificistas e tecnológicos’. O pensamento fraco era a ideia de utilizar o alívio das relações sociais, produto da tecnologia, até realizar uma forma de libertação. Emancipação por meio da inflação: se você tem só um canal de televisão, o que lhe diz parece religião; se tiver vinte, você se lixa. E a Pós-modernidade, isto é, o fim da sociedade racionalizada, da sociedade com a racionalidade central, este sim é um desenvolvimento sério, em frente, da crise da razão” (VATTIMO, G., Não ser Deus, p. 103).

¹² GIRARD, R., O Bode expiatório, p. 141-142.

inspirado por Girard, passou a ver o cristianismo como uma força viva que continua a moldar a cultura e a sociedade de maneira significativa. Ele argumenta que o cristianismo, ao revelar a violência inerente aos sistemas sacrificial e ao promover uma ética de amor e fraqueza, contribui para a criação de uma sociedade mais justa e aberta.

O ponto crucial aqui é que Girard recristianizou Vattimo ao fornecer uma perspectiva que liga intimamente o cristianismo ao processo de enfraquecimento e secularização. A influência de Girard levou Vattimo a ver o cristianismo como uma força emancipatória que promove a pluralidade e a justiça social. Essa integração de ideias resultou em uma visão inovadora que vê o cristianismo não como oposição à modernidade secular, mas como um componente essencial para sua realização e enriquecimento, o que mais tarde moldará sua proposta de “Cristianismo não Religioso”, ou melhor, um “Cristianismo sem Verdade”.

Girard inventa a teoria do bode expiatório: a sociedade humana é um aglomerado em que todos imitam todos, mas essa imitação produz crises contínuas: você tem um automóvel maior do que o meu, também quero um, mas, se não visse que você tem um assim, nem me passaria pela cabeça. Essa situação se resolve somente quando se encontra um bode expiatório, que não pertence a um nem a outro grupo: o juiz nas partidas de futebol. O juiz cornudo é o exemplo típico de como as torcidas contrárias podem se aliar e, em vez de massacrar entre elas, podem jogar toda a culpa num bode expiatório, justamente. O bode expiatório por excelência é Jesus Cristo. Todo o mecanismo social para Girard se constrói em torno dessa sacralidade da vítima. Mas ele pensa – e não é uma diferença insignificante – que o símbolo do sacrifício, a missa, é indispensável para que a violência original não retorne. O sacrifício com a vítima serviria ainda hoje para descarregar a violência social. Se secularizarmos demais, estamos ferrados porque a violência volta a se produzir no Estado selvagem, enquanto o que é necessário é refreá-la. Eu, porém, penso que Jesus Cristo não vem cumprir, mas sim desmentir a sacralidade e a necessidade da vítima. Jesus é o primeiro grande dessacralizador das religiões naturais. Vem e mostra a todos que não é verdade que seja necessário render sacrifícios a Deus. Aliás, Deus nos chama de amigos. E Ele é crucificado porque todo mundo se escandaliza tanto com sua explicação de que, até agora, os sacrifícios foram feitos à toa, que não o querem ouvir. É crucificado porque desmente o mecanismo vitimário.¹³

Para Girard¹⁴, a religião muitas vezes tem uma natureza violenta devido ao seu mecanismo mimético. Ele observou que as sociedades frequentemente canalizam suas tensões e rivalidades em rituais religiosos. O mecanismo mimético é essencialmente a imitação de desejos e comportamentos de outros. Girard argumenta que essa imitação pode levar à competição e rivalidade, especialmente quando as pessoas desejam as mesmas coisas. Essa competição pode, por sua vez, levar à violência. Ele também falou sobre “bodes expiatórios”, que são pessoas ou grupos que são culpados por problemas sociais e são punidos por isso. Girard sugeriu que a religião muitas vezes usa bodes expiatórios para canalizar a violência e manter a ordem social. Portanto, para Girard, a religião pode ser violenta porque ela reflete e até mesmo amplifica os conflitos e rivalidades inerentes à natureza humana, em vez de resolvê-los pacificamente.

¹³ VATTIMO, G., Não ser Deus, p. 163.

¹⁴ GIRARD, R., O Bode expiatório, p. 146-147.

Girard argumenta que a sociedade tradicionalmente utiliza o “bode expiatório” como forma de resolver essas crises. Ao sacrificar um indivíduo ou grupo, a sociedade redireciona sua violência interna, restaurando temporariamente a ordem. No entanto, Girard vê no cristianismo uma revelação fundamental que expõe e subverte este mecanismo. Jesus Cristo, ao ser um inocente perfeito sacrificado, revela a injustiça do mecanismo do bode expiatório e propõe uma nova forma de relacionamento humano baseada no amor e no perdão. A noção de “violência metafísica” aqui designa a pretensão de que a verdade possua um caráter único, necessário e universal, capaz de se impor como fundamento último do real e do sentido. Essa violência não se manifesta primariamente no plano físico, mas no nível ontológico e hermenêutico, quando determinadas interpretações históricas são absolutizadas e elevadas à condição de verdade normativa. Tal pretensão, própria do pensamento forte e da tradição metafísica, exerce violência ao excluir a pluralidade, suprimir a alteridade e legitimar formas de dominação simbólica, política e religiosa. Essa concepção difere estruturalmente da “violência mimética” elaborada por René Girard.

Enquanto a violência metafísica vattimiana opera no registro da verdade e de suas pretensões fundacionais, a violência mimética refere-se a um mecanismo antropológico enraizado no desejo humano, que, ao se tornar rivalidade, conduz ao conflito generalizado e à necessidade do sacrifício da vítima expiatória. A violência mimética não nasce de uma imposição epistemológica da verdade, mas da dinâmica relacional do desejo e de sua resolução sacrificial. A distinção entre essas duas formas de violência, permite compreender que Vattimo e Girard operam em níveis analíticos distintos, embora convergentes em suas consequências críticas. Vattimo denuncia a violência produzida pela absolutização da verdade; Girard revela a violência constitutiva da cultura e do sagrado. Nesse sentido, a crítica vattimiana à metafísica pode ser lida como uma crítica à legitimação teórica da violência, enquanto a teoria girardiana expõe sua gênese antropológica. A articulação entre ambas abre um campo fecundo para pensar a superação da violência não apenas no plano cultural e religioso, mas também no estatuto filosófico da verdade, logo, há uma antropologia teológica aqui.

Para Vattimo (1987), o cristianismo promove a dissolução das estruturas rígidas e absolutas da metafísica tradicional, levando ao enfraquecimento dos fundamentos ontológicos e epistemológicos da modernidade. O niilismo pós-moderno, que se caracteriza pela ausência de verdades absolutas e pela valorização da pluralidade e da diferença, pode ser visto como um desenvolvimento natural do *ethos* cristão de humildade e caridade. Vattimo sugere que essa dissolução das certezas metafísicas pode abrir espaço para uma ética de diálogo e convivência, alinhada com os valores cristãos de compaixão e tolerância.

A interseção das ideias de Girard e Vattimo pode ser observada na forma como ambos veem o cristianismo como um elemento transformador das estruturas sociais e metafísicas. Girard identifica no cristianismo uma ruptura com a lógica da violência mimética e do bode expiatório, propondo um modelo de sociedade baseado no amor e no perdão. Vattimo, por sua vez, vê no niilismo pós-moderno a continuidade desse processo, em que o esvaziamento das certezas metafísicas abre caminho para uma ética de convivência e diálogo. Ambos os pensadores concordam que o cristianismo desempenha

um papel crucial na transformação das formas tradicionais de violência e dominação, mas precisam estar sob uma hermenêutica fraca. Girard destaca como a revelação cristã subverte a lógica sacrificial, enquanto Vattimo vê no enfraquecimento das estruturas metafísicas uma oportunidade para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva, alinhada com os valores cristãos de humildade e amor ao próximo. Assim, podemos entender que o niilismo pós-moderno, na visão de Vattimo, não é um abandono do cristianismo, mas uma radicalização de seus princípios fundamentais, promovendo uma sociedade onde a pluralidade e a convivência pacífica são valorizadas. Este processo se conecta com a visão de Girard sobre a superação da violência mimética, criando uma perspectiva esperançosa para a humanidade pós-moderna.

O niilismo pós-moderno é a forma atualizada do cristianismo. E assim o pensamento fraco é a única filosofia cristã no mercado. Mas o mercado não está nem aí. O pensamento fraco é também a única filosofia cristã pensável. A igreja não se dá conta? Monsenhor Carlo Caffarra sustenta que sou o demônio: O que posso fazer? Pior para eles. Quanto ao cristianismo, penso que é uma religião que anula a si mesma, no sentido de que anula todos os dogmatismos. Portanto, se Deus quiser, uma “religião não religião”.¹⁵

A Secularização é fenômeno chave para compreender o cristianismo e pode ser vista como uma forma de conversão para Vattimo. Ele argumenta que a secularização não significou simplesmente o declínio ou o desaparecimento da religião, mas sim uma transformação na maneira como a religião é compreendida e vivida na sociedade moderna. Por isso vai sugerir que a secularização pode ser entendida como uma “conversão” porque envolve uma mudança de paradigma, uma mudança na forma como as pessoas entendem e se relacionam com o sagrado. Em vez de abandonar completamente a religião, ele vê a secularização como uma abertura para uma pluralidade de perspectivas religiosas e uma aceitação da diversidade de crenças e práticas espirituais. Nesse sentido, a secularização não é vista como um processo de eliminação da religião, mas sim como uma reconfiguração das formas pelas quais a religião é expressa e experimentada na sociedade contemporânea e recordada pela *kénosis*.

Secularização como fato positivo significa que a dissolução das estruturas sagradas da sociedade cristã, a passagem a uma ética da autonomia, à laicidade do estado, a uma literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas e dos preceitos, não deve ser entendida como um decréscimo ou uma despedida do cristianismo, mas como uma realização mais plena da sua verdade que é, recordemo-la a *kenosis*, o rebaixamento de Deus, o desmentir dos traços naturais da divindade. [...] a secularização tem para a fé cristã, enquanto dissolução progressiva dos elementos de religiosidade natural a favor de um reconhecimento mais verdadeiro da essência autêntica da fé.¹⁶

Finalmente, a possibilidade do diálogo em perspectiva entre Girard e Vattimo oferece um olhar valioso para as ciências da religião, ao compreender os mecanismos vitimários, o niilismo, o pensamento fraco e a atitude mimética e como esses tem

¹⁵ VATTIMO, G., Não ser Deus, p. 165.

¹⁶ VATTIMO, G., Crer que se crê, p. 39-40.

moldado o mundo moderno. Ao cruzar as ideias desses dois pensadores, somos levados a uma reflexão que nos desafia a repensar a natureza da violência, da verdade e da existência humana.

O encontro entre Girard e Vattimo nos confronta com a realidade dos mecanismos vitimários, revelando como a violência mimética permeia não apenas as relações sociais, mas também as estruturas de poder e os discursos culturais. Girard nos mostra como a rivalidade mimética pode levar à emergência de bodes expiatórios, enquanto Vattimo nos alerta para o papel do niilismo na desintegração das verdades metafísicas e na perpetuação de estruturas opressivas que se articulam sob a hermenêutica forte da metafísica (encontro do *ser* com o *ente*).

Embora Girard seja um teórico estruturalista, seu interesse sempre foram os nuances da natureza humana e Vattimo seja um teórico da hermenêutica e do relativismo cultural, que são abordagens distintas e áreas de interesse diferentes, o diálogo entre eles é valioso porque promove uma troca de ideias enriquecedora que pode levar a uma compreensão mais profunda da condição humana e das complexidades da cultura e da sociedade pós-moderna, a obra desses pensadores nos convida a abraçar o pensamento fraco, uma abordagem que reconhece a contingência e a pluralidade de interpretações. Em um mundo onde as certezas são cada vez mais questionadas, a atitude mimética de imitar cegamente autoridades é substituída pela disposição para o diálogo e para a coexistência de visões diversas. Girard e Vattimo nos lembram da importância de nos abirmos para o outro, de acolhermos a diferença e de reconhecermos a nossa própria limitação diante da complexidade do mundo.

Nesse sentido, a união entre os insights de Girard e Vattimo nos desafia a buscar uma fé tanto nos fatos quanto nas interpretações. Não se trata apenas de aceitar a realidade objetiva dos eventos, mas também de reconhecer a multiplicidade de narrativas que os cercam. É por meio desse encontro entre a empiria e a hermenêutica que podemos desenvolver uma compreensão mais profunda da condição humana e dos desafios que enfrentamos em nossa busca por significado e justiça. Portanto, ao abraçarmos o diálogo entre Girard e Vattimo, somos convidados a transcender as dicotomias simplistas entre verdade e ilusão, entre vítima e agressor, entre realidade e interpretação. É somente ao nos aventurarmos nesse terreno complexo e multifacetado que podemos vislumbrar novos horizontes de compreensão e, quem sabe, abrir caminho para um futuro mais justo, solidário e compassivo, que insere a importância de considerar no cristianismo, tanto os fatos, como as interpretações.

Na busca do conhecimento, o último século e meio é caracterizado por excessos que se moveram em direções antitéticas. Primeiro vieram as escolas de pensamento positivista, que adoraram os fatos, sentindo-se tão fácil e constantemente em contato com eles que esqueceram as interpretações. A esse excesso se seguiu a reação oposta, de início legítima, mas que muito depressa levou a excessos piores que aqueles que devia corrigir. Procuremos, portanto, renunciar a todas as pseudo-radicalizações, tentando novamente confiar na razão sem idolatrá-la. De agora em diante, busquemos crer tanto nos fatos quanto nas interpretações.¹⁷

¹⁷ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 119.

2. Secularização e Kénosis

A secularização e o laicismo são produtos do Cristianismo, melhor dizendo: das culturas cristãs e o Cristianismo pode ser considerado como *a religião da saída da religião*, já que para Girard o Cristianismo é a religião que elimina o sacrifício, por mais que a religião seja o sentido da vida e a guerra seja inevitável, é da sociabilidade do ser humano buscar religião. O que aqui podemos afirmar é que tanto Girard, como Vattimo estão com Jesus, mas não necessariamente a favor do Cristianismo e seu dogmatismo religioso, além disso o mundo contemporâneo e seu elencar dos direitos civis, liberalismo e democracia é o reflexo do Cristianismo enquanto busca universal de racionalização.

A secularização, e, portanto, o laicismo são substancialmente produtos do cristianismo; isto é, “que o cristianismo seja [...] *a religião da saída da religião*”, e que a democracia, o livre mercado, os direitos civis, as liberdades individuais tenham sido não diremos inventados em sentido absoluto, mas “facilitados” pelas culturas cristãs.¹⁸

Aqui, chamaremos a discussão da morte de Deus, como proclamada por Nietzsche, e o processo de secularização, tão discutido por pensadores como Vattimo, que lança luz sobre a evolução da sociedade moderna e nossa compreensão do mundo.

A ideia da “morte de Deus” não se refere apenas à morte de uma entidade divina, mas sim ao declínio da relevância da religião e da autoridade religiosa na vida humana e na cultura. Este conceito, tão eloquentemente expresso por Nietzsche, marca uma virada na história do pensamento ocidental, desafiando as estruturas tradicionais de significado e moralidade. Para Vattimo, Nietzsche entendeu bem a secularização, porém atrelou esse conceito à discussão da “morte de deus”, um processo histórico que tem suas raízes na modernidade, envolve a separação entre o domínio religioso e os diversos aspectos da vida pública e privada. Vattimo¹⁹, em suas reflexões sobre a secularização, destaca como a sociedade contemporânea está cada vez mais se afastando das narrativas religiosas como fonte central de significado e autoridade moral.

Convergência de interesses desses cognoscitivos-filosóficos que têm “a morte de Deus” – no seu duplo significado filosófico e antropológico – como tema unificante, que ambos os pensadores reconduzem a Nietzsche (definido por Girard como o maior teólogo moderno depois de São Paulo).²⁰

Ao intercalar esses dois temas, podemos contemplar a complexa interação entre a morte de Deus e a secularização. A morte de Deus não apenas pavimentou o caminho para a secularização, mas também é impulsionada por ela. À medida que a sociedade se torna mais secular, as instituições e ideias religiosas perdem sua influência sobre a cultura e a política. No entanto, a morte de Deus não significa necessariamente o fim da espiritualidade ou do sentido transcendente. Vattimo sugere que, embora a religião institucional possa estar em declínio, novas formas de espiritualidade e busca por

¹⁸ ANTONELLO, P., Cristianismo e Relativismo, p. 6.

¹⁹ VATTIMO, G., Crer que se crê, p. 30.

²⁰ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 7.

significado emergem em um contexto secularizado. Essa busca por significado pode se manifestar de maneiras diversas, desde a valorização da arte e da cultura até a ênfase na ética e na solidariedade humana.

Assim, ao contemplarmos a morte de Deus e a secularização, somos desafiados a repensar nossas concepções de sentido e moralidade em um mundo cada vez mais secular. É um convite para explorar novas formas de significado e conexão humana, que reconhecem a diversidade de experiências e crenças em uma sociedade pluralista e em constante transformação.

Para Vattimo²¹, a morte de Deus é encarnação, é seu conceito mais armadurável, a *kénosis*, que enfraquece o poder transcendente de Deus e destrói todas as verdades históricas ontológicas do pensamento do homem, enquanto para Girard, a morte de Deus é a morte de uma vítima inocente por antonomásia, e dá a Cristo o significado de revelação das coisas ocultas aos homens. De acordo com Antonello.²² “O cristianismo representa o momento em que o homem se liberta da necessidade de recorrer a bodes expiatórios e à sua imolação para resolver os conflitos e as crises comunitárias”.

Em tempos pós-modernos ou pós-seculares, podemos afirmar a partir de Vattimo que a cristandade esteja se movendo pela direção da “fraqueza” e isso criaria a aberturas para a prática da caridade, porém, Girard sustenta que uma igreja mais “fraca” ou até menos estruturada, não necessariamente preserva as sociedades de desvios violentos. Dentro do relativismo moderno teremos uma ambivalência: tanto a abertura para as *verdades*, como para a *fé frágil*, a vítima da violência mimética possui a verdade e também a revelação cristã, criando um “mercado” para preferências individuais. Será pela laicidade e o aspecto da secularização que o Cristianismo superará a intolerância e poderá acolher as outras religiões, diminuindo a violência pela *kénosis*.

Se para Girard e Vattimo existe uma importância e decisividade histórica no cristianismo, é talvez exatamente sobre terreno da laicidade, onde a hereditariedade da tradição judaico-cristã pode acolher as outras religiões, porque essa hereditariedade histórica tem possibilidade de falar com as outras confissões sem se apresentar como uma forma de homologação religiosa, dentro de uma condição paritária de diálogo, sempre conscientes, aliás, de que as culturas “outras” tendem também “a ver a própria laicidade do espaço político como uma ameaça à sua autenticidade e, por isso, a assumi-la não como uma condição positiva de liberdade, mas como um limite negativo a ser refutado.”²³

Dentro do contexto do relativismo moderno, a ambivalência “Verdade-fé frágil” se torna ainda mais evidente. A abertura para múltiplas verdades e expressões de fé frágil pode levar a uma multiplicidade de narrativas e interpretações, algumas das quais podem perpetuar a violência mimética. Girard²⁴ argumenta que a vítima da violência mimética possui a verdade e a revelação cristã, mas em uma sociedade relativista, essa verdade pode se perder em meio a uma “economia” de preferências individuais, onde a verdade é subjugada às conveniências e interesses pessoais. No entanto, o excerto sugere que é pela

²¹ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 7.

²² ANTONELLO, P., Cristianismo e Relativismo, p. 8.

²³ ANTONELLO, P., Cristianismo e Relativismo, p. 20.

²⁴ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 23.

laicidade e pela secularização que o cristianismo pode superar a intolerância e acolher outras religiões. Aqui, há uma sugestão de que a diminuição do poder institucional da igreja pode permitir uma abertura maior à diversidade religiosa e uma atitude mais inclusiva e tolerante. A ideia de *kénosis* – o esvaziamento do ego e a autonegação, central no cristianismo – pode ser vista como um caminho para a redução da violência, tanto dentro da comunidade cristã quanto em relação às outras religiões.

Cabe aqui esclarecer que em Vattimo, o conceito de *kénosis* opera como núcleo de dentro para fora da noção de esvaziamento e enfraquecimento do *ser* enquanto categoria hermenêutica, logo, eleger tensão interpretativa e teológica, especialmente quando colocados em diálogo com a tradição bíblica e com a teoria mimética de René Girard:

- (a) No hino cristológico de Filipenses 2,6–11, a *kénosis* designa o esvaziamento voluntário do Filho de Deus, que abdica de sua condição divina (*μορφή θεοῦ*) para assumir a condição humana e servil, culminando na morte de cruz. Trata-se de um gesto teológico central que expressa a lógica paradoxal do cristianismo: a revelação de Deus não ocorre por meio do poder ou da dominação, mas pela humilhação, pela obediência e pela entrega. Esse esvaziamento funda uma ética da não violência e da caridade, ao deslocar a transcendência divina da lógica da força para a do amor.
- (b) *Kénosis* como hermenêutica da secularização em Vattimo. Vattimo retoma a *kénosis* cristológica não como um dado dogmático, mas como uma chave hermenêutica para interpretar a história do Ocidente. Para ele, a secularização moderna não representa a negação do cristianismo, mas a continuidade histórica de seu núcleo kenótico. O enfraquecimento das estruturas metafísicas, da verdade objetiva forte e da autoridade teológico-política corresponde ao prolongamento histórico do esvaziamento divino. Assim, a *kénosis* torna-se o princípio interpretativo que sustenta o *pensiero debole*: Deus não se impõe como fundamento metafísico, mas se retira, abrindo espaço para a pluralidade, a interpretação e a caridade como critério de verdade.
- (c) *Kénosis* como autoentrega do inocente em Girard. Em Girard, a *kénosis* assume um sentido antropológico-revelatório distinto. O esvaziamento de Cristo manifesta-se como a autoentrega do inocente, que aceita a morte sem responder à violência, desvelando assim o mecanismo vitimário que sustenta a ordem sacrificial das culturas humanas. A *kénosis*, nesse contexto, não enfraquece a verdade da revelação, mas a torna plenamente visível: a cruz revela a injustiça da violência coletiva e rompe com a lógica mítica que diviniza o sacrifício. Diferentemente de Vattimo, Girard mantém o caráter forte da revelação cristã, ainda que orientada para a denúncia da violência.

Em síntese, enquanto a *kénosis* bíblica constitui o fundamento cristológico comum, Vattimo a radicaliza como princípio hermenêutico da secularização e do enfraquecimento da metafísica, ao passo que Girard a interpreta como evento revelador decisivo que expõe a violência fundadora da cultura. A tensão entre essas leituras evidencia diferentes modos de pensar a relação entre cristianismo, verdade e não violência na contemporaneidade.

Em última análise, temos o desafio a considerar a complexidade das relações entre cristianismo, secularização, violência mimética e pluralismo religioso na era pós-moderna. A fraqueza percebida da cristandade pode ser tanto uma oportunidade para a prática da caridade quanto um desafio para a preservação da paz e da justiça em uma sociedade cada vez mais diversificada e secularizada, já que o *pensamento fraco* de Vattimo não elimina de fato a existência do *pensamento forte* (fundamentalismo), ele cria possibilidades e aberturas, mas não podemos descartar totalmente a intolerância religiosa da análise da conjuntura religiosa.

3. Cristianismo, Modernidade e Verdade

A modernidade, tal como entendida pelo ocidente europeu, é em grande parte uma construção do cristianismo que tem raízes históricas profundas. O cristianismo desempenhou um papel fundamental na formação das bases filosóficas, morais e culturais da civilização ocidental. Desde suas origens, o cristianismo influenciou a maneira como as sociedades europeias entendiam o mundo, moldando suas instituições, valores e formas de pensar.

Uma das contribuições mais significativas do cristianismo para a modernidade foi o processo de secularização, que ao promover a ideia de um reino celestial separado do reino terreno, preparou o terreno para a emergência de uma esfera secular autônoma. No entanto, a ideia de que o fim das religiões é atuado por uma religião é paradoxal e fascinante. O próprio cristianismo, ao promover a secularização, contribuiu para a diminuição de sua própria influência sobre a sociedade. À medida que as sociedades modernas se tornavam mais secularizadas, as instituições e valores religiosos perdiam gradualmente sua primazia cultural e política. Essa dinâmica sugere que a secularização não é necessariamente o fim da religião, mas sim uma transformação na maneira como a religião é vivenciada e expressa na sociedade. Em vez de desaparecer completamente, a religião pode assumir novas formas e significados, adaptando-se ao contexto secularizado da modernidade. Além disso, a ideia de que o fim das religiões é atuado por uma religião nos leva a questionar a própria natureza da secularização.

Girard²⁵ abarca a violência como dinâmica social que oferece uma perspectiva poderosa para entender não apenas a natureza da violência, mas também a evolução das sociedades humanas e o papel do cristianismo, a violência surge da rivalidade mimética, ou seja, do desejo competitivo pelo mesmo objeto ou status que os outros. Essa rivalidade pode levar a um ciclo de imitação e conflito, culminando na escolha de uma vítima para descarregar essa tensão. Os mitos, então, surgem como narrativas que buscam explicar e justificar esses atos violentos, muitas vezes retratando a vítima como culpada ou como um bode expiatório necessário para restaurar a ordem social. Logo, atos como o sacrifício, nesse contexto, são vistos como fatos de “tornar sagrado” a vítima, legitimando a violência ao transformá-la em um ritual religioso.

Essa dinâmica sacrificial é central nas sociedades arcaicas, onde o sacrifício é usado para manter a coesão social e controlar a violência latente. No entanto, o

²⁵ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 24-27.

cristianismo desafia essa lógica sacrificial ao revelar o sacrifício de Jesus como um ato de amor e redenção, em vez de violência e expiação. Ao destacar o sacrifício de uma vítima inocente como o ápice da revelação divina, o cristianismo subverte o sistema de sacrifício arcaico e desmantela a lógica que sustenta a violência mimética. Essa subversão do cristianismo é fundamental para compreender a transição para a modernidade. Ao desafiar as estruturas sacrificial-religiosas que mantêm a ordem social baseada na violência, o cristianismo cria espaço para uma nova compreensão da moralidade, baseada na compaixão, na justiça e no respeito pela dignidade humana.

Assim, a modernidade pode ser vista como o resultado desse processo de desmontagem das antigas formas de religião e ordem social, impulsionado pela mensagem revolucionária do cristianismo. Ao nos libertar do ciclo vicioso de violência e sacrifício, o cristianismo nos permite criar uma nova ordem social baseada na igualdade, na liberdade e na busca pela paz e harmonia entre os seres humanos.

Descobrir Girard significou descobrir que Jesus tinha vindo para revelar qualquer coisa que as religiões naturais não haviam revelado e que consistia na revelação do sistema vitimário que está na base dessas religiões [...] A palavra-chave que comecei a empregar depois de ter lido Girard é precisamente *secularização*, como efetiva realização do cristianismo como religião não sacrificial. A Secularização não seria o abandono do sagrado, mas a integral aplicação da tradição sacra a determinados fenômenos humanos. O exemplo que me vem à mente é o de Max Weber, que vê a sociedade capitalista como filha legítima do espírito protestante. Nesse sentido, tenho uma teoria positiva da secularização, que parte da reinterpretação não-vitimária das Escrituras, por parte da Igreja.²⁶

A noção de “Verdade” para Vattimo e Girard entra em disputa, já que sabemos que Girard convenceu Vattimo, mas as afirmações de Vattimo não descartam a desconfiança da violência e do ser humano de Girard. A afirmação de Vattimo²⁷ sobre a violência e o autoritarismo, contrastada com a natureza do cristianismo como um ato de amor antes da revelação das verdades, e a visão de Girard de que o cristianismo revela tanto o amor quanto a verdade, apontam para uma profunda interconexão entre esses conceitos fundamentais. Vattimo nos lembra que muitas vezes a violência e o autoritarismo se manifestam na imposição de uma única verdade, na ideia de “tu deves pensar assim e basta”. Isso reflete uma dinâmica de poder que busca impor uma visão de mundo particular sobre os outros, muitas vezes às custas da liberdade individual e da diversidade de perspectivas. No entanto, Vattimo sugere que o cristianismo desafia essa mentalidade ao enfatizar o amor como seu princípio central antes mesmo da revelação das verdades.

Essa ideia é complementada pela visão de Girard, que argumenta que o cristianismo revela não apenas o amor, mas também a verdade. Para Girard²⁸, verdade e amor não são conceitos separados, mas sim intrinsecamente conectados. No cristianismo, o amor é exemplificado pelo sacrifício de Jesus Cristo em favor da humanidade, enquanto a verdade é revelada através desse ato de amor. O conceito de amor no cristianismo,

²⁶ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 28-29.

²⁷ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 46-47.

²⁸ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 48.

portanto, não é apenas uma expressão de benevolência ou compaixão, mas também a reabilitação da vítima injustamente acusada – a própria verdade.

Essa interseção entre amor e verdade no cristianismo é profundamente significativa. Ao reabilitar a vítima e revelar a verdade por meio do amor, o cristianismo desafia as estruturas de poder baseadas na violência e no autoritarismo. Ele oferece uma visão de mundo onde a verdade não é imposta de cima para baixo, mas sim revelada através do amor e da empatia pelos outros, especialmente pelos marginalizados e oprimidos.

Portanto, a afirmação de Vattimo e a visão de Girard nos convidam a considerar como o amor e a verdade estão intrinsecamente ligados no contexto do cristianismo, e como essa interconexão desafia as formas de violência e autoritarismo que buscam impor uma única verdade sobre os outros. Ao reconhecer o amor como a própria verdade e a reabilitação da vítima como o ápice da revelação divina, somos desafiados a buscar uma compreensão mais profunda do significado do amor e da verdade em nossas próprias vidas e sociedades.

Aqui fica nossa síntese: Girard e Vattimo abordam o cristianismo, a modernidade e a verdade de perspectivas distintas, enquanto Girard²⁹, destaca o papel revolucionário do cristianismo na revelação da verdade e do amor. Ele argumenta que o cristianismo não apenas revela o amor de Deus pela humanidade através do sacrifício de Jesus Cristo, mas também revela a verdade subjacente às dinâmicas sociais e culturais. Para Girard, o cristianismo desvela a violência mimética inerente à condição humana e oferece uma alternativa através do amor e da empatia pela vítima. Ele vê o cristianismo como uma força disruptiva que desafia as estruturas de poder baseadas na violência e na mentira, oferecendo uma visão de mundo fundamentada na verdade e na redenção.

Por outro lado, Vattimo³⁰ aborda o cristianismo e a verdade de uma perspectiva mais pós-moderna e hermenêutica. Ele enfatiza a natureza contingente e interpretativa da verdade, argumentando que não há uma única verdade objetiva, mas sim uma multiplicidade de interpretações que surgem em diferentes contextos culturais e históricos. Vattimo vê o cristianismo não tanto como a revelação de uma verdade transcendente, mas como uma narrativa interpretativa que oferece significado e orientação em um mundo marcado pela incerteza e pela pluralidade. Para ele, o cristianismo na modernidade desafia as pretensões absolutistas da verdade, promovendo uma visão mais humilde e aberta à diversidade de perspectivas.

4. Sobre o Bode Expiatório

O conceito de “bode expiatório” de René Girard é profundamente intrigante e relevante para entendermos muitos aspectos da sociedade humana. Girard observou que, ao longo da história, as comunidades muitas vezes escolhem um indivíduo ou grupo para carregar seus problemas, conflitos e pecados, atribuindo a eles a responsabilidade por tudo que está errado. Esse processo de escolher um bode expiatório é uma tentativa de restaurar a ordem e a coesão social, mas geralmente é baseado em falsas premissas e injustiças. Quando nos confrontamos com problemas

²⁹ GIRARD, R., *Cristianismo e Relativismo*, p. 48.

³⁰ VATTIMO, G., *Cristianismo e Relativismo*, p. 48-49.

complexos ou conflitos que não sabemos como resolver, é tentador encontrar um bode expiatório para culpar, alguém para direcionar nossa raiva e frustração. No entanto, essa solução é ilusória e apenas falseia os problemas subjacentes.

A hipótese do bode expiatório é dupla, na realidade. Mostra que os mitos têm sentido como dissimulação da perseguição vitimária, que é revelada na medida certa no Antigo e no Novo Testamento. Devemos agora buscar de novo na Paixão outros indícios que confirmem que ela deveras revela a expulsão de um bode expiatório. O indício número um é a presença, nas narrações da crucificação, de um elemento que é totalmente ausente na mitologia, ou seja, um grupo de pessoas que não concorda com a lógica unânime do mecanismo persecutório. Ao lado dos perseguidores convictos, que são a grande maioria, encontramos uma minoria que discorda: os apóstolos de Jesus. Essa minoria é naturalmente indispensável à revelação do fenômeno de perseguição. A presença dessa minoria não é óbvia. Os perseguidores convictos devem então dominar a cena, ou, caso contrário, não existiria bode expiatório para dissimular. [...] O fenômeno de perseguição deve ser poderoso o suficiente para resultar eficaz como tal, embora não tão suficientemente potente a ponto de tornar impossível a discordância. A vitimização de Jesus preenche essas duas condições.³¹

Ao examinar de perto como os bodes expiatórios são escolhidos e como essa prática afeta as sociedades, somos confrontados com a feiura da injustiça e da intolerância. As vítimas dos processos de bode expiatório muitas vezes sofrem enormemente, e a sociedade como um todo é prejudicada pela perpetuação de divisões e ressentimentos. No entanto, a reflexão sobre o conceito de bode expiatório também nos oferece a oportunidade de reconhecer e resistir a essa tendência prejudicial. Ao compreendermos melhor os mecanismos por trás da escolha de bodes expiatórios, podemos nos esforçar para criar sociedades mais justas e compassivas, onde as diferenças não são motivo de conflito, mas sim fonte de enriquecimento mútuo.

Girard em sua obra reflete sobre a ideia referencial de sacrificar o animal em prol da sociedade, o termo “bode expiatório” tem origens antigas e está associado a práticas religiosas e rituais. Na Bíblia, mais especificamente no Antigo Testamento, há uma referência ao ritual judaico do Dia da Expição, no qual um bode era escolhido para carregar os pecados do povo de Israel. Esse bode, após receber os pecados simbolicamente através da imposição das mãos do sumo sacerdote, era então enviado para o deserto, levando consigo as transgressões do povo, em contextos de sociedades primitivas.

A palavra “expição” neste contexto significa “purificação” ou “limpeza”, e o bode era o veículo para essa purificação simbólica, carregando os pecados do povo para longe. Esse processo era considerado essencial para restaurar a relação entre o povo e Deus. Com o tempo, o conceito de “bode expiatório” transcendeu seu contexto religioso original e passou a ser utilizado para descrever qualquer pessoa ou grupo que é injustamente responsabilizado ou culpado por problemas maiores. Assim, o termo foi adotado para descrever situações em que alguém é escolhido como um alvo para desviar a atenção dos verdadeiros problemas ou para servir como um escape para as tensões sociais.

³¹ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 114.

As experiências primitivas e de análise antropológicas criaram mecanismos de guerra, mesmo em lógicas coloniais, destruindo colonizados e elegendo bodes expiatórios, sob a criação de estruturas fraticidas que elegem a dominação, isso se encerra pelo viés do globalismo, que é uma experiência da diferença para Girard, pois o que é diferença se torna vítima e normalmente sendo de grupos de minoria.

Tais documentos são os mitos. Para tornar minha demonstração mais fácil, começo por um mito exemplar sob o aspecto que me interessa. Ele contém todos os estereótipos persecutórios e não apresenta nenhuma diferença. Ele os contém de forma gritante. É o episódio do mito de Édipo tratado por Sófocles em *Édipo Rei*. [...] Procedendo do mais fácil para o mais difícil, mostrarei que todos os mitos devem se enraizar em violências reais, contra vítimas reais.³²

Por meio do sacrifício, uma propriedade que era do homem vai para Deus, sendo esse originado pela divisão, apropriação e propriedade, o próprio mito elenca essa estrutura religiosa, pois o mito é a faceta da propriedade, logo, o sacrifício é a mitigação pessoal contra o outro, o mito é projeção, escancara e projeta nossa estrutura de violência e funciona no contexto primitivo como elemento edificador de uma comunidade. Mas o sacrifício elege um semelhante, assim como um cordeiro, que mitiga a violência, por mais que o sacrifício seja violento, ele é necessário, mas para Girard, cabe a nós “enfraquecer” essa relação:

Cristo é o Paráclito por excelência, na luta contra a representação persecutória, uma vez que toda defesa e toda reabilitação das vítimas se fundam sobre o poder revelador da paixão, mas, depois, que Cristo partiu, o Espírito da Verdade, o segundo Paráclito, fará brilhar para todos os homens a luz que já está presente, no mundo, mas que os homens se organizam por tanto tempo quanto possível para não ver.³³

Na história do Cristianismo, o bode expiatório por excelência foi Jesus Cristo, ele é o Paráclito e sua passagem deixou clara a desmentira do sacrifício como mecanismo vitimário que existe nos sistemas religiosos, logo, o sacrifício sendo “puro”, neutraliza a violência e isso possui muito de modernidade.

5. Sobre a Violência e o Sagrado

Para Girard, a violência desempenha um papel central na formação das culturas e das religiões, e o sagrado muitas vezes surge como uma resposta para lidar com os efeitos destrutivos da violência. Girard observa que a violência é inerente à condição humana. Conflitos, rivalidades e desejo mimético – a tendência de imitar os desejos e comportamentos dos outros – frequentemente levam a confrontos e violência. Essa violência pode ser física, emocional ou simbólica e tem o potencial de criar divisões e rupturas nas comunidades. No entanto, Girard também sugere que o sagrado surge como uma resposta para conter e canalizar essa violência. As religiões muitas vezes

³² GIRARD, R., O Bode expiatório, p. 34.

³³ GIRARD, R., O Bode expiatório, p. 270.

estabelecem sistemas de tabus, rituais e mitos que buscam controlar o comportamento humano e mitigar os efeitos da violência. O sagrado, nesse sentido, atua como uma força estabilizadora, fornecendo ordem, significado e coesão social.

A teoria mimética é um esforço para demonstrar que as diferenças culturais, por quanto sejam significativas em determinado nível, não o são em outro. Existem milhares de modalidades para codificar e regular a convivência social.³⁴

Há uma ambiguidade inerente nessa relação entre violência e sagrado. Por um lado, o sagrado pode ser uma força redentora, oferecendo uma forma de transcendência e reconciliação que ajuda a superar os conflitos humanos. Por outro lado, o sagrado também pode ser usado para justificar e perpetuar a violência, seja através de rituais de sacrifício, guerras religiosas ou exclusões de grupos considerados impuros ou hereges. Assim, a reflexão sobre a violência e o sagrado de Girard nos convida a considerar as complexas interações entre religião, cultura e poder. Ela nos desafia a examinar criticamente as formas pelas quais o sagrado é construído e utilizado nas sociedades humanas e a buscar uma compreensão mais profunda dos mecanismos que perpetuam ou transcendem a violência. De acordo com Girard, “O sacrifício impede o desenvolvimento dos germes da violência, auxiliando os homens no controle da vingança”³⁵.

Para Girard³⁶, o cristianismo se destaca como uma tradição religiosa que revela tanto os perigos do contágio mimético quanto o potencial redentor do amor. O autor argumenta que o desejo mimético, a tendência dos seres humanos de imitar e desejar o que os outros desejam, é uma força poderosa que pode levar à competição, rivalidade e violência. Em muitas culturas e religiões antigas, essa dinâmica mimética era controlada por meio de rituais de sacrifício, nos quais uma vítima era escolhida e sacrificada para aplacar as tensões sociais e restaurar a ordem.

No entanto, o cristianismo, oferece uma interpretação radicalmente diferente do sacrifício. Em vez de perpetuar a lógica do sacrifício como uma forma de controle da violência, o cristianismo revela a verdade sobre o sacrifício sob o contágio mimético ao identificar Jesus Cristo como a vítima inocente e, ao mesmo tempo, como o sacrifício que encerra todos os sacrifícios. Essa revelação é fundamental para Girard porque expõe a natureza injusta e destrutiva da violência humana, enquanto oferece uma alternativa baseada no amor e na compaixão. No centro da mensagem cristã está o conceito de amor incondicional, exemplificado no sacrifício voluntário de Cristo pela humanidade na cruz.

Ao aceitar o amor de Cristo e seguir seu exemplo de sacrifício e perdão, os cristãos são chamados a transcender as dinâmicas miméticas de competição e rivalidade e a buscar a reconciliação e a paz. Essa transformação interior e comunitária é fundamental para a visão de Girard sobre o cristianismo como a única tradição religiosa que revela tanto a verdade sobre o sacrifício quanto o potencial redentor do amor. Assim, para Girard, o cristianismo não é apenas uma religião entre muitas, mas uma

³⁴ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 50.

³⁵ GIRARD, R., A Violência e o Sagrado, p. 31.

³⁶ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 108.

fonte única de esperança e renovação para um mundo marcado pela violência e pela divisão. É uma chamada para uma transformação profunda, onde o amor substitui a violência e a compaixão supera a rivalidade, oferecendo uma visão de humanidade reconciliada e restaurada.

O problema concreto, para os antropólogos, não é a mitologia, que é relativamente simples de explicar, mas a presença infinitamente misteriosa entre nós de uma e única tradição religiosa que, em vez de se fundamentar no sacrifício expiatório e mantê-lo escondido, literalmente o “revela”: a tradição judaico-cristã. Assim, a experiência fundadora do cristianismo é, mais uma vez, a perseguição vitimária, *o que o torna inseparável de todas as outras religiões e, ao mesmo tempo, incomparável a elas*. Na paixão, reconhecemos imediatamente em Jesus uma vítima inocente, um bode expiatório. A verdadeira razão da convergência de tantos perseguidores contra ele, isto é, o contágio mimético da violência, é exibida publicamente.³⁷

Os mecanismos de violência muitas vezes podem ser legitimados pela dominação legal-racional, a lógica da modernidade está na vingança, há um desejo mimético intrínseco nos humanos e quem racionalizou os direitos foi o sistema jurídico-técnico, para enganar esse sistema de violência o que se faz é eleger o bode expiatório, então historicamente podemos narrar a vítima expiatória como Jesus Cristo, que representa um mecanismo de mitigação, o sagrado passa pelo mito que é ambivalente (bom e mau) até atingir a vítima sacrificial, sob estereótipos. Quem pode acusar Cristo não é um cristão, logo a violência faz parte do sistema social, para Girard³⁸ o Cristianismo moderno se tornou a única opção para a tolerância, ele revela o amor incondicional, a experiência da morte de Cristo como vítima inocente e universaliza a mensagem e ensinamentos cristãos, sendo assim legítimo.

Ambos os autores aqui compreendem o cristianismo como uma força crítica em relação à violência primitiva que estrutura as culturas humanas. Em Girard, o cristianismo revela o mecanismo vitimário ao expor a inocência da vítima e deslegitimar o sacrifício como fundamento do sagrado. Em Vattimo, essa crítica assume forma hermenêutica, na medida em que o cristianismo enfraquece progressivamente as estruturas metafísicas que sacralizam a violência. Apesar das diferenças conceituais, ambos associam o cristianismo à superação dos mitos sacrificiais e à abertura para uma ética da não violência e da caridade, logo, a ontologia da atualidade de Vattimo é aqui também um pensamento social.

6. Violência Metafísica em Vattimo

A “violência metafísica” é elaborada por Vattimo, que busca descrever uma forma de violência que não é física no sentido tradicional, mas sim uma imposição de verdades ou valores que nega a diversidade de perspectivas e a liberdade de pensamento.

³⁷ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 108-109.

³⁸ GIRARD, R., A Violência e o Sagrado, 54.

É o restabelecimento presente de algo que acreditávamos ter esquecido definitivamente, a reativação de um vestígio adormecido, a reabertura de uma ferida, a reaparição de algo que fora removido, a revelação de algo que pensávamos ser uma *Überwindung* (superação, aquisição de veracidade e conseqüente descarte) ainda é somente uma *Verwindung*, uma longa convalescença que tem de tornar a enfrentar o vestígio indelével de sua doença.³⁹

Para Vattimo⁴⁰, a metafísica tradicional, com suas reivindicações de verdades absolutas e universais, pode ser vista como uma forma de violência porque impõe uma única visão de mundo e exclui outras possibilidades. Ele argumenta que essa imposição de uma verdade absoluta pode levar à opressão e à negação da autonomia individual e da pluralidade de pontos de vista, por isso a metafísica deve ser superada, pelo viés da *Verwindung* de Heidegger, taxada enquanto enfermidade e memorada. Em verdade, a metafísica não pode ser superada verdadeiramente e sim, aceita, aprofundada e distorcida. A superação da metafísica e, *ipso facto*, da violência só pode ser pensada como um movimento dentro da própria metafísica. Pois se dá como a imposição de uma verdade mais autêntica.

Para evitar essa extrema regressão a uma metafísica que identifica o Ser com a presença objetiva, uma filosofia pós-metafísica deve estar pronta para pensar o evento do Ser como uma espécie de subtração, um enfraquecimento, um distanciamento ou um longo adeus.⁴¹

Para Vattimo, nem toda metafísica é necessariamente violenta, mas toda violência é metafísica, assim, a violência metafísica não se manifesta necessariamente em atos físicos de agressão, mas sim na imposição de sistemas de pensamento, crenças ou valores que limitam a liberdade e a diversidade. Isso pode ocorrer em diferentes contextos, desde instituições sociais e políticas até sistemas religiosos e filosóficos. Vattimo está especialmente interessado em como a violência metafísica pode ser superada ou mitigada. Ele sugere que uma abordagem pós-metafísica, que reconhece a contingência e a pluralidade de perspectivas, pode oferecer uma alternativa mais inclusiva e democrática. Ao rejeitar a pretensão de verdades absolutas, podemos criar espaços para o diálogo intercultural, a tolerância e o respeito mútuo.

A violência metafísica representa o pensamento forte, o fundamentalista, que se fecha para divergências, se dá como absoluto e por si só elenca a eliminação e exclusão dos outros, se fechando para a alteridade. A verdade passou a ser a própria relação sujeito-objeto, ou seja, a interação entre o objeto e a imagem que o sujeito constrói a partir do material que este objeto lhe fornece (envia) e que este apreende através dos sentidos. Uma relativização, portanto, do conhecimento, mesmo do conhecimento sensorial, o que é imposto pode por sua vez fundamentar outros tipos de violência, além de ser propriamente um tipo de violência. A pluralidade de interpretações não produz necessariamente violência se o intérprete ou a comunidade de intérpretes levam a sério a vocação niilista da hermenêutica, ou seja, a afirmação fraca de que não existem fatos, mas apenas interpretações.

³⁹ VATTIMO, G., O fim da modernidade, p. 91.

⁴⁰ VATTIMO, G., O fim da modernidade, p. 92.

⁴¹ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 89-90.

Nesse contexto, a seguinte declaração ganha relevância: “A violência metafísica é amplamente caracterizada pela tendência predominante nos ensinamentos tradicionais da Igreja de associar lei e natureza”. Pode-se interpretar a reencarnação como um processo de despojamento da divindade de sua sacralidade, no âmbito da secularização, não como uma ação sacrificial de um deus que se encarna para redimir a humanidade, mas sim como um momento que marca a redução ou enfraquecimento do fundamento e, conseqüentemente, de sua violência. Segundo as reflexões de Gianni Vattimo⁴², a compreensão emergente da espiritualidade na contemporaneidade emerge como um movimento de desmantelamento das verdades inflexíveis e imutáveis. Ele sugere que o cristianismo, ao abraçar uma postura kenótica, desempenha um papel fundamental na superação da violência religiosa, uma vez que se integra ao processo de secularização.

É a explosão de violência devida ao fato de em nossos tempos a vontade de poder – ou a rivalidade mimética – se ter tornado explícita e sem limites. Para Girard, essa explosão esclarece a estrutura vitimária de base de toda cultura humana; enquanto para Heidegger, coloca às claras o “segredo” da metafísica, ou seja, o esquecimento do ser e sua identificação com a totalidade do ente, a objetividade etc.⁴³

A superação da violência contida na imagem de Deus como ser absoluto e transcendente. Vattimo relaciona o pensamento de Martin Heidegger às teses de Girard sobre a morte de Jesus e o fim do ciclo de violência sacrificial. Para Girard⁴⁴ as relações entre os indivíduos são permeadas pelo desejo que surge das necessidades ou do próprio indivíduo, mas do outro. Esse desejo manifesta-se na forma de violência. E nesse caos se estabelece um sacrifício onde a vítima morre em substituição à morte de todos. De acordo com Vattimo⁴⁵: “a revelação do mecanismo vitimário, que Jesus tornou possível oferecendo sua vida [...] por que aprendi de Heidegger e de Nietzsche que qualquer fixação de estrutura é um ato de autoridade”.

Assim, a violência é ao mesmo tempo instrumento, objeto e sujeito universal de todos os desejos, precisa ser canalizada para a violência expiatória. O ciclo vicioso da violência recíproca, totalmente destrutiva, é então substituído pela violência ritual, criativa e protetora. A divindade estabelece normas que os indivíduos devem aceitar para que a violência se restrinja ao sacrifício.

O que estou sugerindo aqui, de maneira aproximativa e esquematizada, é que a revelação da conexão entre o sagrado e a violência acontece não só poder meio da, mas junto com a encarnação de Cristo, a *kénosis*. Do meu ponto de vista, isso significa que a salvação não é principalmente um problema de consciência que nos coloca diante de uma inelutável escolha entre a rivalidade da violência mimética e a caridade; antes, é o anúncio de que Deus nos salva através de um processo histórico de educação que é, ao mesmo tempo, uma revelação e uma progressiva redução da violência original do sagrado. A

⁴² VATTIMO, G., Depois da cristandade, p. 68-69.

⁴³ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 86.

⁴⁴ GIRARD, R., Cristianismo e Relativismo, p. 95-98.

⁴⁵ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 35.

salvação é o processo histórico pelo qual Deus nos chama agora e sempre para dessacralizar a violência e para dissolver a definitiva e preemptória reivindicação da objetividade metafísica.⁴⁶

Portanto, para Vattimo⁴⁷, reconhecer e combater a violência metafísica significa buscar formas de pensamento e ação que promovam a abertura, a diversidade e a coexistência pacífica em uma sociedade pluralista e interconectada.

7. Convergências e Divergências

Vattimo e Girard compartilham críticas à metafísica tradicional e reconhecem a importância da secularização na era atual. Ambos questionam a validade das verdades absolutas e universais defendidas pela metafísica tradicional, destacando como essas visões podem ser opressivas e excludentes, porém Girard estava mais desconfiado da sociedade, sempre atento e alerta de que a violência e a ambição humana não teriam fim. Para Vattimo, a secularização é uma abertura para o niilismo e hermenêutica, representa um processo de enfraquecimento das estruturas metafísicas e religiosas, abrindo espaço para uma abordagem pós-metafísica baseada na hermenêutica fraca e no enfraquecimento do ser.

Por outro lado, Girard se concentra na análise das dinâmicas miméticas, explorando a relação entre violência, religião e cultura. Embora reconheça a secularização como uma oportunidade para transcender as dinâmicas de violência presentes nas religiões tradicionais, sua abordagem difere da de Vattimo. Enquanto Vattimo é influenciado pelo pensamento de Martin Heidegger e pela hermenêutica filosófica (nosso método de interpretação que compreende o sentido como historicamente mediado, situado na linguagem e produzido no diálogo entre tradição, texto e intérprete), Girard desenvolve sua teoria com base em análises antropológicas e literárias, especialmente em torno do conceito de mimetismo.

O meu niilismo não se resume na tese de que não existem verdades, Girard o sabe bem, por isso me sinto atingido só em parte. A dissolução das coisas absolutas, e, portanto, também da convicção de que se possa conhecer a natureza humana, parece-me um efeito positivo do cristianismo. No fundo, a própria ideia de criação é absolutamente o contrário de uma visão de objetividade, o Deus criador não tem nada de racionalidade rigorosa do Ato puro de Aristóteles, que não teria jamais podido “decidir”, em determinado momento, criar um mundo... E, em suma, a única coisa que não me convence em Girard é sua confiança no poder salvífico da verdade, seja ela revelada ou descoberta pela ciência.⁴⁸

A diferença fundamental entre os dois filósofos não está de fato somente sobre o sentido de fé frágil ou mesmo na “verdade”, mas em suas abordagens da religião e do sagrado/profano. Enquanto Vattimo enfatiza a importância da secularização e da desconstrução das verdades religiosas absolutas, Girard examina as origens e dinâmicas

⁴⁶ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 92.

⁴⁷ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 100.

⁴⁸ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 64.

da religião, destacando o papel do sacrifício e da imitação na formação das crenças e práticas religiosas. Para Vattimo⁴⁹, o sagrado e o profano são conceitos que estão passando por transformações significativas na era moderna. Ele argumenta que, com o enfraquecimento das estruturas metafísicas e religiosas tradicionais, a distinção entre sagrado e profano torna-se cada vez mais fluida e dissolutiva, superando suas dicotomias. Vattimo propõe uma abordagem pós-metafísica que reconhece a contingência e a pluralidade de perspectivas, o que leva a uma compreensão mais fluida do sagrado e do profano. Ele sugere que o sagrado pode ser encontrado em experiências cotidianas e na imanência do mundo, em vez de ser limitado a instituições religiosas ou dogmas específicos. Para Vattimo, o sagrado pode ser encontrado na ética, na arte, na natureza e até mesmo na própria existência humana, refletindo uma visão mais pluralista e secularizada do mundo.

Já para Girard, o sagrado e o profano estão intimamente ligados à sua teoria do sacrifício e da violência mimética. Girard argumenta que as sociedades humanas historicamente atribuíram um status sagrado a certos rituais e práticas, como o sacrifício de vítimas, como uma maneira de lidar com a violência e a rivalidade inerentes à condição humana. O sagrado, para Girard, muitas vezes surge como uma resposta à violência e ao caos, oferecendo uma forma de controlar e canalizar as tensões sociais. No entanto, Girard também critica as estruturas sociais e religiosas que perpetuam a violência sob a aparência de sacralidade, argumentando que o verdadeiro caminho para a transcendência está na renúncia à violência mimética e na imitação do amor e do perdão exemplificados por Jesus Cristo.

Há convergência de interpretação sobre o mito, de acordo com VATTIMO⁵⁰: “concordo com Girard sobre o fato de haver diferença entre um mito como o de Édipo e um ‘mito’ como o de Cristo. Eu, a respeito, ponho antes o acento sobre a noção de ‘transmissão’, da *Wirkungsgeschichte*, a [história dos efeitos], como diria Gadamer.”

Fica aqui nosso questionamento: seria um cristianismo “fraco”, tal como proposto por Vattimo, capaz de acolher a revelação girardiana do mecanismo vitimário sem dissolver seu conteúdo proposicional, isto é, sem reduzir a revelação a um mero horizonte interpretativo destituído de força cognitiva. Pois, a revelação, em Girard, comporta um núcleo de inteligibilidade objetiva — ainda que não metafísica — ao afirmar que a violência sacrificial funda a cultura e que o cristianismo a desvela de modo irreversível.

Em segundo lugar, emerge a tensão inversa: talvez Girard seja “forte demais” para o *pensiero debole*, que é uma hermenêutica filosófica, ao sustentar uma verdade revelada com pretensão universal, ou Vattimo enfraqueceria excessivamente a verdade do Evangelho, ao submetê-la integralmente à lógica hermenêutica da secularização? Essa alternativa não se resolve facilmente, pois toca o ponto nevrálgico da relação entre verdade, revelação e não violência. O debate revela que a compatibilidade entre ambos não é plena, mas marcada por uma tensão produtiva, na qual se confrontam duas tentativas distintas de pensar o cristianismo para além da metafísica: uma orientada pelo desvelamento antropológico da violência, outra pelo enfraquecimento histórico de suas

⁴⁹ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 90.

⁵⁰ VATTIMO, G., Cristianismo e Relativismo, p. 80.

pretensões fundacionais. A partir dessas reflexões, pode-se sustentar que a tensão entre um cristianismo “fraco” e a revelação girardiana encontra-se, em larga medida, pragmatizada na própria historicidade do Ocidente. A religião, nesse horizonte, não se apresenta mais como acesso imediato a um fundamento originário, mas como vestígio de um vestígio, isto é, como memória histórica de processos sucessivos de interpretação, esvaziamento e tradução cultural do evento cristão. Tal condição impede tanto a recuperação de uma verdade forte plenamente disponível quanto a dissolução completa do conteúdo revelatório em puro relativismo.

Nesse sentido, a *kénosis* pode ser compreendida como o fio condutor da história ocidental, atravessando a secularização, o declínio da metafísica e a progressiva desativação das formas sacralizadas de violência. A verdade cristã não se impõe mais como proposição fundacional, mas opera pragmaticamente na história como força crítica, ética e interpretativa. Assim, a compatibilidade parcial entre Vattimo e Girard não se resolve em termos sistemáticos abstratos, mas se efetiva na prática histórica do cristianismo, entendido menos como sistema doutrinal e mais como processo contínuo de enfraquecimento da violência e de abertura à alteridade, já que o próprio Girard esclarece que não devemos crer apenas nos fatos, já que a própria Antropologia precisa de interpretações, da qual a hermenêutica é capaz de captar.

Logo, enquanto Vattimo enfatiza a fluidez e a pluralidade na compreensão do sagrado e do profano na contemporaneidade, Girard relaciona esses conceitos diretamente às dinâmicas de sacrifício e violência mimética, destacando a importância de transcender a violência para alcançar uma verdadeira espiritualidade. Embora haja pontos de convergência em suas críticas à metafísica tradicional e à importância da secularização, as diferenças em seus enfoques temáticos e perspectivas filosóficas resultam em abordagens distintas para compreender e lidar com os desafios da contemporaneidade, claro que, um estando na linha filosófica e outro na antropológica.

Conclusão

É possível perceber a complexidade e a riqueza das reflexões propostas sobre a relação entre objetivismo metafísico, salvação pela *kénosis* e violência metafísica, à luz das obras de Vattimo e da teoria mimética de Girard, sob a perspectiva da pós-modernidade. A análise crítica desses autores e suas obras revela como eles compreendem o Cristianismo na modernidade, a concepção de *kénosis* e o declínio da metafísica.

A metodologia adotada, centrada na hermenêutica filosófica e complementada por insights das Ciências da Religião, permitiu identificar tanto pontos de convergência quanto de divergência entre Vattimo e Girard. Enquanto ambos questionam a validade das verdades metafísicas absolutas, Girard foca nas dinâmicas miméticas e no sacrifício como chave para compreender a violência e a sacralidade, enquanto Vattimo enfatiza o enfraquecimento dessas estruturas metafísicas e a emergência de uma espiritualidade pluralista na pós-modernidade.

A análise também destaca a interdisciplinaridade entre Filosofia, Antropologia e Ciências da Religião, oferecendo uma compreensão mais ampla das representações do fenômeno religioso na contemporaneidade. Nesse sentido, a *kénosis* e a

secularização são exploradas como fenômenos que englobam a espiritualidade religiosa no mundo contemporâneo, oferecendo uma nova chave interpretativa para uma visão religiosa pós-metafísica.

Sustenta-se que, embora Girard e Vattimo compartilhem uma leitura desmitologizante do cristianismo e uma crítica comum à sacralização da violência, suas posições divergem de modo decisivo quanto ao estatuto da verdade. Em Vattimo, a *kénosis* implica o enfraquecimento da metafísica e da própria verdade forte, em favor de uma hermenêutica da caridade e da interpretação. Em Girard, ao contrário, a revelação cristã preserva um núcleo cognitivo irreduzível ao desvelar efetivamente o mecanismo vitimário. É possível, contudo, sustentar que Girard inspira em Vattimo uma leitura vitimária do cristianismo de viés niilista, orientada por um chamado antropológico-teológico que se afasta da lógica sacrificial e violenta da metafísica, configurando, assim, uma antropologia teológica não-religiosa e está aqui a *teologia fraca* de um filósofo que fez de sua obra uma *hermenêutica forte*.

Em suma, este estudo não apenas contribui para o aprofundamento do entendimento do pensamento de Vattimo e Girard, mas também lança luz sobre as complexas relações entre religião, violência, secularização e espiritualidade na era pós-moderna. Ao abordar questões fundamentais sobre o sagrado e o profano, este trabalho oferece insights valiosos para uma compreensão mais profunda da condição humana e das possibilidades de redenção e transcendência em um mundo cada vez mais pluralista e interconectado, em busca pela manutenção da caridade, dos acontecimentos que insistem a revelar o enfraquecimento de estruturas metafísicas, bem como amparar hospitalidade.

Referências Bibliográficas

ANTONELLO, Pierpaolo. **Cristianismo e Relativismo: Verdade ou fé frágil?** Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2010.

GIORGIO, Giovanni; VATTIMO, Gianni; DOTOLO, Carmelo. **Dios: la posibilidad buena.** Um colloquio sulla soglia tra filosofia e teologia. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado.** São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GIRARD, René. **O Bode expiatório.** São Paulo: Paulus, 2004.

GIRARD, René; VATTIMO, Gianni. **Cristianismo e Relativismo: Verdade ou fé frágil?** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se Crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VATTIMO, Gianni. **Cristianismo e Relativismo: Verdade ou fé frágil?** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. **Não ser Deus: Uma autobiografia a quatro mãos.** Petrópolis,

RJ: Vozes, 2018.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Lucas Pereira da Silva Freitas

Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campinas / SP – Brasil

E-mail: lucas.psf2@puccampinas.edu.br

Recebido em: 28/02/2025

Aprovado em: 21/01/2026